

Humanidade Edipiana: Desamparo, Castração e a Neurose Sociedade-Natureza

Oedipal Humanity: Helplessness, Castration and the Neurosis Society-Nature

Reginaldo José de Souza¹

Resumo: O ensaio visa apresentar a interpretação da relação Sociedade-Natureza como reelaboração do complexo edipiano e de neuroses na psique. Com apoio de leituras da Psicanálise e da Filosofia, discuto o sentimento de continuação ou descontinuação humana com a Natureza, problematizando os impactos da interdição dos desejos instintuais entre as pulsões eróticas e destrutivas do Ser Humano. Então, apresento duas possíveis interpretações sobre a neurose desencadeada no superego coletivo com as relações transferenciais das figuras materna e paterna, a Natureza-Mãe e a Natureza-Pai, e analiso alguns exemplos derivados dos traumas de castração na sociedade contemporânea: o medo da Natureza e o medo da morte. Por fim, sinalizo a necessária continuidade de pesquisas sobre as derivações edipianas da relação Sociedade-Natureza, com vistas a relacionar Geografia e Psicanálise para entender as neuroses humanas no mundo e no tempo em que vivemos.

Palavras-chave: Eros, Angústia, Édipo, Psicanálise, Sociedade.

Abstract: *This essay aims to present an interpretation of the Society-Nature relationship as a reworking of the Oedipal complex and neuroses in the psyche. With the support of Psychoanalysis and Philosophy readings, I discuss the human feeling of continuation or discontinuation with Nature and the impacts of the interdictions against instinctual desires between the erotic and destructive actions of the Human Being. I present two interpretations about the neurosis started in the collective superego with the transference relations of the maternal and paternal figures, the Mother Nature and the Father Nature. Then I analyze some examples from the traumas of castration in contemporary society: the fear of Nature and the fear of death. Finally, I signal the necessary continuity of research about Oedipus derivations in Society-Nature relationship, aiming to relate Geography and Psychoanalysis in order to understand human neuroses in the world and time we live in.*

¹ Graduado, Mestre e Doutor em Geografia - FCT/UNESP, com período na Universidade de Coimbra. Pós-doutorado no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Professor dos cursos de graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (Licenciatura e Bacharelado), do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFFS. Coordena o projeto *Paisagem e Fronteira: geografias da raia internacional sul-rio-grandense e Natureza e Psique Humana: Geografia, Psicanálise e o Mundo Contemporâneo*. Desenvolve pesquisas sobre os seguintes temas: Filosofia da Paisagem, Questão Ambiental, Relação Sociedade-Natureza, Fronteira e Paisagem. Atua nas disciplinas de Epistemologia da Geografia, História do Pensamento Geográfico e Produção da Socionatureza.

Keywords: *Eros, Anguish, Oedipus, Psychoanalysis, Society.*

1. Introdução

Compreende-se que a superfície habitada do planeta é constantemente modificada pelas ações humanas que, de algum modo, interferem nas dinâmicas dos fenômenos naturais em função das aspirações econômicas. Assim, é considerado que a Natureza se tornou uma forma de obra humana, um produto social ou um objeto socializado.

No âmbito daquilo que chamamos de Geografia Humana, muitas vezes as pesquisas sobre os desdobramentos espaciais da industrialização, das migrações, da mecanização agrícola, das atividades extrativistas e do crescimento das cidades abordam a Natureza socializada como um fato incontestável.

As ciências naturais ainda são capazes de rememorar as formações do tempo geológico em si, ou seja, sem as interferências da economia na transformação de rochas, solos, águas e florestas em mercadorias. Porém, ainda assim, os legados de estudos puramente físicos, como os dos naturalistas do século XIX até meados do século XX, são cada vez mais adaptados a um tipo de postura que prefere catalogar estragos nos elementos naturais a fim de se planejar a sustentabilidade no uso dos recursos.

Todas as pesquisas que visam explicações sobre o modo como o Ser Humano se relaciona com a Natureza são válidas e necessitam de fomentos econômicos a fim de que, enquanto sociedade, possamos melhor conduzir as nossas vidas em cidades monumentais e em espaços rurais compostos por belas paisagens.

Enquanto geógrafo, reflito desde um lugar que é suspeito, afinal, sou apaixonado pela minha profissão e por pensar o mundo a partir deste ponto de vista científico. Contudo, desvio-me um pouco dos ritos acadêmicos da minha própria área de formação. A mim me agrada pensar a Geografia como reflexão quase filosófica sobre a experiência do Ser Humano com o Planeta e com o Universo. Em resumo, a relação do Ser Humano com a Natureza e os sentimentos que emergem na consciência que toma parte deste relacionamento.

No caso deste ensaio, serão tratadas algumas perspectivas que consideram a angústia de se estar vivo no Planeta e ter a consciência de que este fenômeno é perturbador simplesmente por desconhecermos uma teoria abrangente que contenha explicações verdadeiras para as indagações humanas. Todos somos muito diminutos diante das forças naturais que movimentam a Terra. O que dizer do Universo, sua magnitude, seu início ou

fim? Se for possível pensar nele por meio das sequências espaço-temporais às quais estamos mais acostumados.

A Filosofia pode ser apreendida como busca de conhecimento para amenizar os desesperos que sofremos, notadamente com a certeza da morte. Por sua vez, com a Psicanálise visualizo potencialidades para revisar alguns aspectos da experiência humana com a Natureza e, talvez, propor interações entre distintos campos do conhecimento capazes de amenizar alguma ferida narcísica que possa estar em mim ou em eventuais leitores que estiverem dispostos a me acompanhar. Somos pequenos e efêmeros diante da Natureza, sabemos disso, sofremos com isso.

O dicionário psicanalítico permite localizar algumas definições sobre o verbete *neurose*, escolhido para intitular este ensaio. Inicialmente, foi definido como campo das patologias sem explicações orgânicas na Medicina. Posteriormente, como doença de personalidade oriunda de distúrbios psíquicos decorrentes de traumas e refletidos nas condutas sociais. Por fim, e em sentido elaborado por Sigmund Freud (1897), como resultante de conflitos inconscientes, com alguma razão sexual, originados nas pessoas desde a vida infantil. Assim, a neurose seria o resultado “de um mecanismo de defesa contra a angústia e de uma formação de compromisso entre essa defesa e a possível realização de um desejo” (Roudinesco & Plon, 1998).

Como não pensar no domínio das técnicas agrícolas, na urbanização, na industrialização e nas cidades espalhadas pela superfície terrestre senão como produções que frutificam dos lugares geopsíquicos² da mente humana enquanto formas de defesa para a existência e desejo de continuar existindo? Diante deste questionamento, defendo a ideia de que a exploração dos postulados da Psicanálise pode ser muito produtiva para pensar a relação Sociedade-Natureza.

Substituo a palavra *relação* por *neurose* para dar relevo aos afetos contraditórios que a sociedade contemporânea enfrenta em verdadeiras situações de amor, ódio ou indiferença para com a Natureza. Não se trata de nenhuma forma pejorativa de uso do termo. Pelo contrário, aparentemente somos todos neuróticos em função da nossa condição híbrida entre o cultural e o natural. Existem distúrbios que afetam a todos os Seres Humanos considerados *cyborgs*³ na socionatureza⁴ tecnificada.

² Os créditos desta conceituação são de Juliana Maddalena Trifilio (2019).

³ Do *Manifesto Cyborg* de Donna Haraway.

⁴ Da *urbanização cyborg*, proposta de Erik Swyngedouw.

2. Oceano e Atlas

Desde a *physis* aristotélica somos defrontados com a ideia de espontaneidade, que pode estar por trás de tudo o que é autogerado e corrompido na Natureza⁵. Uma proposição diferente do ideal demiúrgico que teria criado o cosmos e o tempo como imagem da ordem e da eternidade.

Da necessidade de conforto para a nossa consciência talvez tenha vindo a tentativa de recentrar a importância do Ser Humano no mundo por sua própria faculdade de pensar⁶. Se minha existência é garantida pelo fato de que tenho dela compreensão e discernimento, então serei eu o ente que domina a espontaneidade? Serei eu a me comprazer com a eternidade natural como um objeto à insatisfação da minha curiosidade e, por consequência, em favor da evolução do meu próprio pensamento?

A sublimidade qualitativa e quantitativa da Natureza parece tensionar o juízo humano novamente para uma posição periférica ou subalterna. A massa imponente do mar aberto ou da montanha no esplendor e ereção de sua juventude fazem com que a admiração e a perturbação ressurjam à frente e atrás dos olhos daqueles que os observam.

No Ser Humano, a atitude contemplativa o conduz para uma espécie de sentimento a ser chamado como oceânico, um sentimento orgulhoso de pertencimento ao Universo, que mesmo não sendo capaz de compreendê-lo, sabe que de sua história fez e fará parte. Trata-se de um conteúdo da nossa constituição psíquica cuja elaboração se origina da correspondência entre nosso ego e a Natureza⁷ (Freud, 1930/1996).

Na realidade, a consciência de se fazer parte do Universo pode não ser uma ideia apropriada para se pensar a continuidade Ser Humano-Mundo. Deve-se pensar nesta continuidade como um fenômeno ainda inconsciente, que remonta à mais tenra infância. A teoria psicanalítica nos remete para a fusão entre mundos interiores e exteriores na

⁵ Aqui, refiro-me especialmente aos livros I e II da *Física*. Nos seminários de Filosofia da paisagem, coordenados por Adriana Veríssimo Serrão (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2017) fui convidado a adentrar nesta leitura/debate para comparar os diferentes paradigmas da Natureza propostos por Platão, *Timeu*, e Aristóteles, *Física*. O que me fez pensar em duas categorias distintas relacionadas às concepções de Natureza até os dias atuais: a Natureza-Criação e a Natureza-Criatura. A primeira, relacionada ao movimento contínuo, autogerado, de criação e corrupção das formas. A segunda, proveniente do ideal demiúrgico de organização cósmica a partir do arquétipo de perfeição. Tendo a pensar que a sociedade contemporânea traz consigo essas duas formas de conceber a Natureza: como ente incontrolável que, por sua vez, desperta o desejo de ordem. A urbanização, assim, representaria a realização espacial de imposição de uma ordem cósmica nas terras habitadas (um exemplo).

⁶ René Descartes: “penso, logo existo”.

⁷ Esta analogia é de minha responsabilidade e risco. Na obra *O Mal-Estar da Civilização*, Sigmund Freud refere-se a *universo* e não *Natureza*.

psique, ou melhor, o entrelaçamento entre o mundo externo e a centralidade do ego infantil, que em si se concretiza como sendo o próprio mundo.

O princípio do prazer e seu contrário, o desprazer, são fundamentos da difícil construção do mundo externo na mente humana. Os primeiros passos no desvelamento de objetos para fora do *eu* já são traçados a partir dos momentos em que a satisfação da fome, que é uma sensação não prazerosa, demanda a expressão do sofrimento, que é o ato de chorar, e o seio materno, objetificado, internalizado e representado de maneira inaugural, como algo cuja ausência traz angústia à criança. Este pode ser o momento em que a primeira gota d'água se separa do todo, quando das profundezas oceânicas brotam os primeiros sinais de uma cadeia maciça que abalará para sempre o eu.

O sentimento atlântico, em referência ao gigante da mitologia grega, é fruto do processo que torna o mundo pesado para a consciência. Afinal, sustentar um objeto muito além das nossas faculdades de força e de compreensão é algo superestimado. As colunas de suporte que utilizamos para impedir que céus e terras desabem⁸ em hecatombe em nossa mente e nos aniquilem por completo poderiam ser relacionadas ao trabalho de juízo do superego: a instância psíquica reguladora dos desejos, por analogia, do erotismo e da destruição entre as pessoas, em si e em suas relações com a Natureza⁹.

3. Eros e Destruição

O que permite ao Ser Humano não ser acometido pela profunda angústia diante da realidade? Esta é uma pergunta exposta, em si, ao contraditório. Afinal, já não seria possível que todos nós estejamos mergulhados em profunda angústia? Parto da seguinte prerrogativa: sim, vivemos numa espécie de delírio de ilusão, que, por sua vez, pode ser comprovado pelo sentimento humano de potência sobrenatural e de ilimitação.

O desejo de permanência sobre a Terra é induzido pela própria religião, com seus ritos (e mitos) que capturam a fé dos seguidores por meio da promessa de vida eterna. Por exemplo, para o cristão “a própria morte é uma passagem para a vida” (Kierkegaard,

⁸ Há relatos de civilizações arcaicas que temiam eventos cósmicos como o possível desaparecimento do Sol, como no caso dos egípcios, bem como a própria queda do Cosmos, como no caso dos babilônicos no primeiro milênio a. C. (Tuan, 2005, p. 94).

⁹ Vale lembrar que, para fins da discussão que proponho, inclino-me a pensar nas manifestações coletivas do superego, de acordo com que Sigmund Freud apresenta como *superego cultural*, aquele que “desenvolveu seus ideais e estabeleceu exigências [...] que tratam das relações dos seres humanos [...] abrangidas sob o título de ética” (1930/1996, p. 148).

2004, p. 23). Ninguém quer morrer e isto pode ser desesperador¹⁰. “Em toda vida humana que se julga já infinita, e o quer ser, cada instante é desespero” (p. 34). Mas, caso isto seja inevitável, então que haja alguma espécie de continuidade para sanar o desespero¹¹. Assim, a inabalável crença no eterno se transfigura num exemplo do movimento erótico que contribui para escapar da angústia da finitude e de seu pressentimento.

Certos comportamentos da juventude contemporânea, notadamente a oriunda de classe social média e alta, são interessantes para ilustrar a correspondência direta entre ego e realidade exterior. Muitos destes jovens, embora em crises existenciais, têm um desejo muito objetivo a ser realizado em suas vidas: a felicidade. A seu modo e concepções próprias a respeito do prazer, querem ser felizes independentemente de regramentos e imposições legais à satisfação de seu desejo.

Pessoas de meia idade em diante encaram os impulsos juvenis por felicidade a partir de posicionamentos ora mais ora menos complacentes, sempre em atitudes de “perdoai, eles não sabem o que fazem” ou alertas de “quando você tiver a minha idade” simbolizando um patamar superior de experiências que só o tempo pode elevar.

No entanto, assim como disse o sacerdote egípcio à Sólon¹², somos todos crianças. E esse estado de infantilidade permanece até os dias de hoje. De certa forma, o Ser Humano permanece na infância, “da qual se tem tanta dificuldade para tirá-lo” (Holbach, 1780/2010, p. 39). Mesmo com todo o conhecimento acumulado sobre nossa própria história e todo o aparato tecnológico que nos permite aprimorar este conhecimento, ainda somos pequenas crianças diante da insondável totalidade da Natureza.

Especula-se que o homem primevo, ao controlar o fogo, tenha experimentado dois prazeres contraditórios: a criação e a destruição. Esta relação dialética teria sido experimentada na medida em que, ao produzir o fogo, para ter seu controle, deveria urinar sobre ele a fim de apagá-lo. Tal conjectura pode ser encontrada na obra *O Mal-estar na Civilização*, na qual Sigmund Freud nos remete ao fascínio humano pelo fogo e sua

¹⁰ Segundo o Barão de Holbach: “O homem que existe não pode fazer ideia da não existência; como esse estado o inquieta, sua imaginação põe-se a trabalhar na falta da experiência, para pintar-lhe bem ou mal esse estado incerto. [...] Ele se vê em um abandono generalizado, destituído de todo socorro e sentindo o rigor dessa horrorosa situação” (1780/1996, p. 310).

¹¹ Desde os Neandertais encontram-se os primeiros registros de enterro dos mortos, o que “documenta a crença exclusivamente humana na vida após a morte” (Tuan, 2005, p. 75)

¹² Uma das memórias relatadas por Crítias a Sócrates no *Timeu*. Crítias relembra o relato de seu avô sobre a viagem do sábio Sólon para o Egito e quando este sábio é interpelado por um sacerdote que lhe afirma ser o povo ateniense ainda muito jovem de alma, no sentido de pouco saber sobre importantes eventos catastróficos que perturbaram a humanidade (Platão, 1909/2011).

simbolização fálica. O homem primevo, ao controlar o fogo, teria controlado uma faceta de seu próprio instinto sexual. Isto é, o controle do impulso fálico, que seria a disputa com o poder natural através do próprio material expelido por seu sexo, teria dado a possibilidade de domínio e manipulação do fogo sem o ímpeto de travar uma competição homoerótica com ele (Freud, 1927-1931/1996, p. 98).

A cisão Sociedade-Natureza pode ser um advento moderno, acentuado com a industrialização e seus reflexos na ordem urbana. Mas, talvez, o primeiro grande passo para a relação contraditória Sociedade-Natureza tenha sido a dialética eros-destruição desde os primeiros atos do domínio pirotécnico. A partir de então, a história das mudanças sociais na superfície terrestre passou a ser elaborada como uma sucessão de atos na fronteira de tensões entre o sentimento de potência do Ser Humano e a premonição da sua própria fraqueza.

4. A Natureza-Mãe

Quando bebês, o mundo dos Seres Humanos é constituído por um *self* que inclui a relação com a mãe. O desespero e a satisfação, como extinção do desespero e sentimento de alívio, de um *eu* introjetivo naturalmente assentado na unidade mãe-filho, ainda lhe não permitem compreender que esta unidade não existe, pois há de fato uma dualidade, ou seja, uma relação entre *eu* e outro.

O Ser Humano nasce indefeso e desamparado. Não fosse pelos cuidados parentais, não sobreviveria¹³. “A natureza envia o homem nu e destituído de socorro para este mundo que deve ser sua moradia” (Holbach, 1780/2010, p. 33). E a condição primeira de todos nós é esta: dependência e necessidade de laços com outros. Assim, a vida social sempre se colocou como marco de sobrevivência e defesa... contra a Natureza. Pois, se não fosse pela ordem social mais elementar, por natureza não seríamos capazes de lidar sozinhos com nossas próprias incapacidades, debilidades e desejos instintuais¹⁴.

Pela via da Psicanálise, a experiência do Édipo abre caminhos de interpretação psicológica sobre os afetos humanos desde os primeiros anos em que uma pessoa está no

¹³ Inclusive, característica esta fundamental para a vida social. Yi-fu Tuan, ao tratar da vida pré-histórica, lembra que “pode-se inferir uma vida familiar *centrada nas crianças*, devido ao seu longo período de dependência, pois este já era um traço que distinguia esses proto-humanos dos primatas não humanos” (2005, p. 74).

¹⁴ No *Futuro de uma ilusão*, Sigmund Freud, interagindo com ele mesmo, contra-argumentando suas próprias proposições, refere-se à “inteligência débil e governada por seus desejos instintuais” dos seres humanos (1927/1996, p. 57) ao mostrar descrença na civilização geradora de neuroses nas pessoas, cujos regramentos éticos na vida em sociedade são advindos das ciladas religiosas.

mundo. Os vínculos parentais são muito importantes para criaturas que não sabem o que fazer de si mesmas, por motivos evidentes, como a incapacidade motora e o descontrole emocional. Logo, a mãe é incorporada ao mundo da criança, ou melhor, ao mundo que é a própria criança.

Na medida que os sentidos da percepção se desenvolvem, como consequência do crescimento cerebral e da complexificação da comunicação neuronal em interação com o exterior, a tomada de consciência quanto àquilo que é um *corpo diferente ou fora do meu* ocorrerá a partir do contato mais imediato e fusional com a figura materna.

Esta fusão mãe-criança seria a primeira fonte de prazer e satisfação humana, afinal, as mais primitivas necessidades são apaziguadas através dela. A solução ao desamparo original residiria numa fórmula simples, dada pela conjunção dos elementos boca faminta + seio nutritivo. Como lembrado por Lachaud (2001), a identificação mental de uma criança que assiste outra sendo amamentada pela própria mãe¹⁵, ou por outra mulher com quem seja vinculada emocionalmente, eu acrescentaria, teria potência suficiente para desencadear o afeto do ciúme na psique humana.

O primeiro, mais imediato e apegado objeto de desejo do Ser Humano seria sua mãe, no âmbito da relação fusional anteriormente citada. Por meio da Psicanálise, é possível identificar neuroses¹⁶ no adulto cujas origens localizam-se no espaço-tempo da mais tenra infância.

O relevo da figura materna teria papel tão potente nas instâncias do inconsciente e do consciente humano que, diante do imenso poder da Natureza sobre a humanidade, esta, na doce inocência de sua longa infantilidade, tenta sanar sua angústia com a Morte por meio da projeção da mãe¹⁷ à própria Natureza.

¹⁵ Denise Lachaud (2001, p. 41) explora as Confissões de Santo Agostinho como exemplo brutal daquele vínculo criado na amamentação: “Quando Santo Agostinho – para retomar o exemplo tão explorado por Lacan – vê o irmãozinho pendurado no seio de sua mãe, sente ciúmes dele”. Neste contexto, a identificação mental seria semelhante a algo como: “aquele é o meu lugar ou deveria ser o meu lugar”. Mais adiante, a psicanalista afirma que “do seio ao território, a passagem será bem rápida. Poderá se traduzir patologicamente pelo medo de que lhe tomem o lugar, de que lhe tomem a mulher, o emprego, o país. Daí a xenofobia. Medo do estrangeiro. Medo do Outro” (p. 48). Uma perspectiva que, mais adiante, explorarei como *Medo da Natureza*.

¹⁶ Juan Nasio trata da neurose como condição mental oriunda de ideias e emoções conflitivas, pois, muitas vezes contraditórias e/ou interditas, como é o caso da neurose mais primeva no humano causada pelos mecanismos edipianos. “Porque a neurose é acima de tudo a ação simultânea de sentimentos opostos e porque a criança edipiana sofre, como um neurótico, com o doloroso conflito entre saborear o prazer de fantasiar e ter medo de ser punido caso perseverar” (2007, p. 26).

¹⁷ A representação psicanalítica da Mãe. O primeiro afeto-desejo de posseção.

Em analogia às palavras de Lachaud (2001), utilizo a expressão *do seio à Natureza* para exprimir um mecanismo coletivo de transferência, no qual a representação maternal da Natureza pode ser a consequência do sentimento de desamparo e da necessidade de segurança do Ser Humano, que não possui controle de si nem do mundo exterior.

Uma das consequências da relação transferencial Mãe-Natureza poderia ser exemplificada através das preocupações com a finitude dos recursos necessários à sobrevivência humana. A angústia da ausência de alimento, ou seja, a falta do seio imediatamente aos primeiros sintomas da fome, poderia ser o espelhamento que conduz às nossas preocupações com a ausência da Mãe, da Natureza representada como a continuação de nossos próprios corpos e apaziguadora das nossas necessidades mais imediatas.

Nesse sentido, as preocupações contemporâneas com a sustentabilidade ambiental podem ser a versão adulta do desejo de manter a fonte de satisfação das nossas necessidades sempre disponível nos instantes de sofrimento. Mesmo que existam críticas eco feministas aos abusos patriarcais sobre a Natureza, talvez a maior motivação para que culturalmente se criasse o ideal da Gaia tenha sido o desamparo original do Ser Humano, isto é, sua incapacidade de sobreviver por si.

5. Natureza-Pai

“Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Que assim seja”. Este exemplo de triangulação ultrapassa o complexo de Édipo de modo nada neutro. A tríade unicamente recai na figura de Deus. Se a Natureza é Mãe, há de se ter um Pai que legisle sobre ela e seus filhos. Assim como a mulher foi considerada fruto das costelas de um homem, a narrativa sobre a relação entre Deus e Natureza o coloca na posição de comando: Ele fez a Mãe.

No imaginário das pessoas, a representação da Natureza no lugar masculino não é evidentemente comum, mas existe. A transferência da figura materna tem potência para movimentar os discursos mais apaixonados em defesa daquela que embala os pecadores que a possuem, corrompem e, por fim, saciam seus desejos em um campo proibido. Este processo caracteriza uma neurose, isto é, a ação simultânea de sentimentos opostos na psique. Afinal, se há interdição para saciar os desejos no corpo materno, a *polluzione*¹⁸

¹⁸Trocadilho proposital com o substantivo italiano.

nas águas e na atmosfera, a violação da terra e das florestas, enfim, são todas manifestações eróticas que acentuam a culpa do neurótico.

Por sua vez, a culpa emerge do encontro com a interdição. Na Psicanálise, o complexo de Édipo conduz à interpretação de que o elemento estruturador da interdição é a figura paterna, ou seja, a representação do limite em que o lugar fálico da criança é ocupado pelo superego germinante que sinaliza a angústia da castração. Nas crianças, a identificação inconsciente do Pai com aquele que legisla não parece pressupor necessariamente um problema, tendo em vista que as bases da organização social recaem nos mecanismos de controle dos impulsos instintuais e na interdição do incesto e dos rompantes de violência e assassinato¹⁹.

Contudo, quando a representação paterna é violenta, a angústia de castração aparece como causa patológica. Logo, a geração dos traumas é a consequência para o mal-estar de uma pessoa, carregado por toda sua vida. Por analogia, chamarei um movimento de transferência aquele decorrido do sentimento de descontrole da Natureza ao impacto subjetivo da castração quando o Ser Humano *descobre* que a maternidade da Natureza também pode se transfigurar na onipotência de um ente do qual é impossível subtrair-lhe o falo: o sublime natural²⁰.

6. O Medo da Castração

A história da humanidade é a história da vida em sociedade. Sem esta não seria possível a permanência e reprodução humana na face da Terra. A vida social é uma estratégia para enfrentar os desafios impostos pela Natureza exterior *ao* e interior *do* Ser Humano.

Caso fôssemos guiados apenas pelos nossos desejos instintuais, certamente a vida social não existiria. Isto, porque os desejos instintuais não são compostos apenas pelo impulso produtivo do sexo como geração de vida e fonte de prazer. O crime, por exemplo, poderia ser socialmente aceito se as regras sociais não reconhecessem a diferença entre

¹⁹ “Acho que se tem de levar em conta o fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivas e, portanto, antissociais e anticulturais, e que, num grande número de pessoas, essas tendências são suficientemente fortes para determinar o comportamento delas na sociedade humana”. (Freud, 1927/1996, p. 17)

²⁰ Neste ponto, chamo atenção para o *comprazimento negativo* tratado por Immanuel Kant na *Crítica da Faculdade do Juízo*, especificamente na *Analítica do Sublime*. Kant apresenta o *comprazimento negativo* como sentimento dúbio que surge da contemplação da grandiosidade da Natureza, algo como um prazer não prazeroso, um respeito acompanhado de temor.

os vícios e as virtudes quase como uma espécie de apelo sádico que intenta a entrega da consciência à Natureza, vista como ente incapaz de ser ofendido.

Quando o Marquês de Sade, em oposição à doutrina de Rousseau, ignora a bondade do Ser Humano e dá relevo à sua maldade inata, afirmando que o homem nasce mau e a sociedade aprimora tal característica, na verdade, há o claro objetivo de abandono dos ditos regramentos jurídicos. Estes, tão necessários para que a violência e o assassinato não imperem a desordem e conduzam ao próprio fim da vida em sociedade.

Se o Marquês de Sade operou um discurso dentro de um tempo e contexto político específicos, isso não me impede de retomar suas ideias para pensar o que seriam delas no momento atual. Neste ponto, é interessante retomar Sigmund Freud e suas palavras iniciais em *Futuro de uma Ilusão*, que provocam seu leitor sobre a insensatez de quem deseja abolir a civilização. Seu argumento central é que o rompimento com as regras sociais conduziria o Ser Humano ao estado irrestrito dos seus instintos: “a natureza deixar-nos-ia proceder como bem quiséssemos” (Freud, 1927/1996, p. 25). Porém, como *todo ato desata* alguma outra coisa, a consequência seria a autodestruição²¹. Desta forma, a Natureza teria sua maneira própria de controlar as ações humanas.

Ninguém, no entanto, alimenta a ilusão de que a natureza já foi vencida, e poucos se atrevem a ter esperanças de que um dia ela se submeta inteiramente ao homem. Há os elementos, que parecem escarnecer de qualquer controle humano; a terra, que treme, se escancara e sepulta toda a vida humana e suas obras; a água, que inunda e afoga tudo num torvelinho; as tempestades, que arrastam tudo o que se lhes antepõe; as doenças, que só recentemente identificamos como sendo ataques oriundos de outros organismos e, finalmente, o penoso enigma da morte, contra o qual remédio algum foi encontrado e provavelmente nunca será. É com essas forças que a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel e inexorável; uma vez mais nos traz à mente nossa fraqueza e desamparo, de que pensávamos ter fugido através do trabalho de civilização (Freud, 1927/1996, pp. 25-26).

Nesta trama de considerações acerca do papel da Natureza no processo civilizatório, o medo da castração edipiana seria transposto, por analogia, ao pressentimento de castração oriundo das forças naturais. Tal pressentimento resultaria na angústia da subtração do lugar fálico do Ser Humano pela própria Natureza. Portanto, toda a cultura de controle das dinâmicas naturais teria sido forjada como produto de diversos temores: desabrigo + medo da atmosfera = casa; corpo nutritivo + medo de se

²¹ Como exemplo, o crime de assassinato poderia ilustrar essa situação. A destruição também estaria no rol dos instintos humanos e o desejo/ação de morte de um assassino teria potencial de reativar o desejo-ação de morte de outros. Assim, uma sociedade se aniquilaria.

tornar alimento = caça e domesticação dos animais; necessidade de cuidar dos filhos + medo de invasores = núcleo familiar.

Neste contexto, derivo exemplos a respeito de situações mais imediatas e necessárias à sobrevivência e reprodução. Para além da escolha em devorar para não ser devorado ou de dominar um grupo para não ser dominado por outro, há uma equação afetiva dada pelos seguintes elementos: desamparo + medo do céu = mitos e criação de deuses; desamparo + medo da terra e da morte = religião; desamparo + medo da Natureza = filosofia e ciência; desamparo + medo da natureza humana = regras, interdições e vida social.

A presciência da castração comove o Ser Humano diante da Natureza. E por mencionar comoção, sendo a Natureza “uma imensa cadeia de causas e efeitos que decorrem incessantemente uns dos outros” (Holbach, 1780/2010, p. 61), posso relacionar o medo da castração à experiência angustiante do movimento natural que nos torna efêmeros. Assim como os insetos efemerídeos mencionados pelo Barão de Holbach, que nascem e perecem no mesmo dia, qual a duração do nosso dia na superfície terrestre?

O sentimento de castração diante da Natureza pode ser reflexo da reação negacionista à morte. A consciência da finitude fez surgir a promessa religiosa da vida póstuma, acolhedora de certos espíritos confiantes em paraísos idealizados e feitos de virtudes, inclusive com sonhadas paisagens marcadas pela exuberante vegetação, dóceis animais, águas límpidas e ar puro. Assim, o paraíso representaria a redenção dos pecados, o perdão de Deus e o acolhimento da Natureza, por Ele refeita, como recompensa ao arrependimento do Ser Humano por seus comportamentos e vícios carnavais.

O desespero humano reside no desejo interminável de vida que, por sua vez, jamais será atendido. Enquanto a vontade de viver para sempre é questionada cotidianamente pelas dinâmicas naturais do Planeta e do próprio corpo, a desesperança segue sendo acalmada por distrações utilitaristas, que muitas vezes regulam a criatividade e aprisionam a liberdade do pensamento, notadamente, em aceitar a força potencial que movimenta a certeza da Morte, ou seja, a Natureza.

O futuro de inexistência é a certa finalização da espécie humana. Isto não é uma especulação filosófica, visto que existem argumentos muito substanciais para afirmar tal coisa com algum tom de verdade. As gerações passadas não existem mais. Todos que viveram durante os séculos XIX, XVIII, XVII, não existem mais. Todos que vivem neste século não existirão num futuro cada vez mais próximo. As substituições demográficas,

em algum momento, alcançarão limites intransponíveis e esta previsão pode ser insuportável.

Ao Ser Humano, a Natureza impõe o exercício de aceitação para seu luto mais íntimo. Quando alguém se depara com a morte do outro, sobretudo quando se trata de familiares próximos, os dilemas desafiando aquele que permanece vivo são muitos. Após a irreversibilidade da perda não ser mais questionada, a raiva, a depressão, o isolamento ou o sentimento de abandono são processos psicológicos vivenciados em diferentes níveis de intensidade.

A premeditação da própria morte também comparece como perturbação no período do luto, afinal, a vibração niilista faz tudo perder o sentido. O trabalho não vale a pena. A busca pelo dinheiro e pelos bens materiais é inútil. As relações e seus afetos são postos à prova, já que amar alguém se torna inesperado espanto quando as pessoas morrem. As imagens da putrefação do próprio corpo, quando acionadas na mente de alguém, geram sentimentos desagradáveis e provocam a urgência de imaginar outras coisas e situações capazes de apagar rapidamente a memória do que foi anteriormente pensado.

Assim, a dificuldade de encarar a Morte pode ser uma faceta deste medo de perda do lugar fálico perante a Natureza. A industrialização, enquanto forma econômica marcante nas paisagens modernas, representa algo que vai além da simples inserção de máquinas em linhas ou ilhas de produção. A mecanização representou e representa a profunda transformação da relação do Ser Humano com a Natureza desde as primeiras fases da chamada revolução industrial europeia, que posteriormente ramificou-se, desigualmente, por todos os continentes. O elemento mecânico modificou profundamente a relação Sociedade-Natureza, transmutando-a em Neurose Sociedade-Natureza.

7. A Neurose Sociedade-Natureza: algumas consequências

A indústria tornou-se a intermediação do contato humano com o mundo natural. Antes, as relações de proximidade eram marcadas pela satisfação das necessidades de sobrevivência de modo mais direto. Por exemplo, quando havia frio e animais de boa pele próximo das moradas, matava-se a presa, aproveitava-se o couro para vestimenta e sua carne como comida. Na atualidade, vivencia-se um processo tão intenso de alienação

produtiva e de fantasias acerca do próprio bem consumido, que não raro muitas pessoas acreditam que a fonte de seus alimentos é o supermercado e não o espaço agrícola²².

Com isso, não se aventa qualquer intenção de retrocesso a estágios de brutalidade primitiva, porém, debate-se a profunda alienação do Ser Humano no mundo onde os regramentos econômicos conduzem estilos de vida que nos afastam muito da Natureza. Além do mais, da voracidade dos ditames de produtividade surgiram proibições tácitas como ao adoecimento, ao envelhecimento e à morte.

O excesso de preocupação com a produção de bens e riquezas faz com que a cobrança pelo desempenho econômico das pessoas seja pautada na alta performance. Por sua vez, esta é sinônimo de marginalização de todo tipo de comportamento ou visão de mundo que a questione. A valorização de um estilo de vida distante dos setores administrativos de grandes ou pequenos empreendimentos, dos balcões comerciais e do aprisionamento aos juros bancários é muito mal vista por boa parte das pessoas que não conseguem se libertar do consumismo urbano.

Então, a sociedade se povoa de corpos biônicos cujo trabalho não pode cessar. A diversificação e a quantidade de produtos da indústria cosmética não é um mero reflexo do aumento da vaidade. Assim como a excessiva preocupação com o enrijecimento muscular nas academias não está necessariamente ligada a práticas saudáveis ou algum ideal estético. A vida é marcada por padronizações semelhantes aos padrões de superprodução para lucros crescentes. Para que isso ocorra, os super corpos são peças imprescindíveis da grande engrenagem político-econômica contemporânea.

O paradigma mecanicista não foi superado na história da sociedade e está no ápice de sua evolução com as tecnologias *cyborgs* de bioconstrução de super corpos quase inumanos. No mundo da alta performance produtivista é proibido não se enquadrar na lógica da exploração e consumo, cada vez mais maquiada como parceria e/ou colaboração entre quem manda efetivamente e quem obedece resignadamente, com o *plus* de ser

²² Em diversos sites de notícias, um curioso artigo apresenta o preocupante dado de 16 milhões de estadunidenses que acreditam que o leite achocolatado é proveniente de vacas marrons. Ou seja, há evidente associação imediata entre as cores das coisas para explicar a origem de uma a partir da outra. Trata-se de um problema preocupante em diversos aspectos, notadamente desde uma questão de bom senso até a questionável qualidade de ensino oferecido para esse número significativo de pessoas. Contudo, junto com as possíveis hipóteses a serem levantadas a partir da situação, considera-se sua direta relação com a hipótese do afastamento da Natureza por ela representado. Disponível em: https://www.publico.pt/2017/06/16/mundo/noticia/mais-de-16-milhoes-americanos-acham-que-o-chocolate-vem-de-vacas-castanhas-1775837fbclid=IwAR126M23oh1Bcbea_VweV7FgLO0fbZTfJyOxtFfRIb7aaEhgV-X9FiqrNVk.

tratado(a) como parceiro(a)²³ e, para acentuar a perversidade da lógica por trás destas relações, com muita alegria, satisfação e *autorrealização*.

Adoecer. Envelhecer. Morrer. As três coisas significam interrupções na produtividade. É curioso como, cada vez mais, as notícias de doenças terminais que agem rapidamente até levar uma pessoa à morte são comuns. Há certos constrangimentos em mães e pais de família que os fazem protelar consultas médicas para quaisquer tipos de tratamento, sejam preventivos, de acompanhamento, ou de cura. A falta de recursos para pagamentos de hospitais, cirurgias e remédios também são fatores de peso na omissão das doenças. Também a necessidade de trabalhar de modo ininterrupto acaba por levar muitos Seres Humanos ao limite de suas capacidades imunológicas. Paradoxalmente, a atividade para garantir o sustento e a sobrevivência se transfigura em algo oposto: o trabalho que mata.

As maquiagens da indústria cosmética servem como esconderijo à exaustão de muitas mulheres e muitos homens, bem como as pílulas de suplementação vitamínica e toda a sorte de remédios que prometem a cura de certas doenças e seus sintomas em vinte e quatro horas. É o caso dos comprimidos analgésicos e antigripais para o dia e para noite, que prometem às pessoas, em curtíssimo prazo, retomar suas funções sem o fantasma das licenças médicas por motivos de saúde. Por sua vez, os complexos vitamínicos auxiliam na recomposição de nutrientes nos corpos cujos tempos e recursos para boas refeições, inclusive sem agrotóxicos, são-lhes subtraídos. Somam-se a tais situações até mesmo os psicotrópicos, a suprimir os sintomas do tédio, tristeza e depressão.

O envelhecimento entra na mesma esteira de temeridades. Os ritmos rápidos das cidades e da produção mecânica na agricultura não comportam corpos defasados pelo tempo. A lentidão dos movimentos não combina com as estruturas *cyborgs* da urbanização de aço, vidros, fibra ótica, satélites, veículos potentes, computadores ubíquos e tempestades de imagens que vangloriam a juventude e o consumo eterno. Ser velho tornou-se uma espécie de abertura ao desrespeito que jamais será corrigida com meras placas de passagem ou assentos preferenciais em transportes públicos ou estabelecimentos comerciais.

²³ São exemplares os discursos de certas empresas que tratam seus empregados como *parceiros*, *colaboradores*, ou até mesmo no âmbito doméstico, quando as patroas passam a tratar a faxineira ou a cozinheira como *secretária*.

Para agudizar o problema, muitos velhos são convocados a comportamentos joviais, como sinal de investimento em boa saúde e vigor físico. Nesse aspecto, o papel da publicidade é fundamental, vide as propagandas do setor turístico para vender pacotes aos aposentados, que devem viver intensamente seus últimos anos de vida. Ademais, a proliferação de academias com programas de treino voltados para esse público e as próprias recomendações médicas para a prática dos mais variados exercícios físicos, vale dizer, ofuscam a faceta perversa da subtração do direito ao curso natural da vida.

Com as preocupações do governo sobre as crescentes demandas previdenciárias e reformas a fim de diminuir gastos públicos, há toda uma organização de instituições financeiras para oferecer serviços de aposentadoria privada; suas propagandas com frequência são veiculadas em várias mídias. Por outro lado, as empresas também apostam na ressignificação do idoso e quebra de *estigmas* associados com a lentidão, o isolamento ou a imobilidade, que são absolutamente comuns no processo de envelhecimento. Agora a publicidade investe em reinventar a idade e no slogan do velho-jovem, baseado na ideia de que a idade da mente se sobrepõe à idade do corpo²⁴.

As pessoas velhas são retratadas em imagens esportivas, aventureiras e comerciais que as inserem no pleno domínio das tecnologias de comunicação, dirigindo veículos de motores potentes, ou até mesmo em situações que sinalizam quebras de tabus acerca da sexualidade. Cabe dizer que as pessoas são livres para participação social, afirmação de suas identidades e busca do prazer, afinal, todos vivemos em função do bom e do belo em nossas vidas. Contudo, observar apenas o apelo mercantil da expressão destas novas formas de divulgar o processo da velhice é um modo de não criticar a ordem das imposições econômicas exigentes por produtividade infinita.

Conforme Debert (1999), existe um processo de reprivatização da velhice no Brasil contemporâneo, na medida em que ela deixa de ser uma questão pública e entra no campo de desaparecimento das preocupações sociais. Mas, para que esse processo seja eficiente, investe-se em imagens representativas de desconexões entre idade física e mental ou no paradoxo do velho-jovem. As pessoas ausentes desta fotografia são penalizadas por não investirem em si através do consumo de bens e serviços capazes de retardar o envelhecimento. Então, aqueles que são *velhos-velhos* e não *velhos-jovens* serão culpados até o último dia de suas vidas. O crime será chamado de improdutividade.

²⁴ Não importa que o corpo tenha 80 anos. O que importa é a mente ter 25.

A morte adentra nesta seara de reflexões, como um acontecimento a ser igualmente negado. Mas, antes de ser negado, é mercantilizado conforme a esteira de fabricação de mercadorias. Os lugares ritualísticos da morte são os cemitérios, agora organizados sob a lógica do aproveitamento de recursos com a maximização de lucros. A incorporação imobiliária da cidade dos vivos faz-se presente nas cidades fúnebres, que, por sua vez, parecem se distanciar dos rituais religiosos de passagem, elementos constituintes da cultura, e todo seu simbolismo, aproximando-se do máximo aproveitamento do espaço-mercadoria.

As reminiscências da morte no século XX ainda podiam ser vastamente representadas por um conjunto arquitetônico e artístico nos cemitérios. A variedade de esculturas e detalhamento ornamental dos túmulos ainda se manifestava como prática cultural do modelo de sociedade que está, gradualmente, modificando o seu relacionamento com os mortos. As empresas funerárias comercializam produtos desde seguros, urnas, conceitos de velórios e até o terreno que será ocupado para sempre na necrópole. Tais pacotes de serviços são travestidos em tonalidades sentimentais e supostas poéticas da eternidade que, corriqueiramente, são repetidas a cada novo funeral.

Muitos cemitérios possuem complexos de salas fúnebres, um fator importante para, a priori, *minimizar* a dor daqueles que acompanham o funeral. Todavia, a tônica é a praticidade na vida de tempos velozes. Os cortejos podem congestionar o trânsito e causar desgosto nos acompanhadores. O acoplamento da capela mortuária à zona dos enterros acaba por se tornar econômico, pois as funerárias não mais precisam dispensar recursos com o pagamento de mais motoristas, combustível das viaturas, desgaste de peças e troca de pneus. A morte é um negócio vivo.

Diariamente os cemitérios vão perdendo suas componentes artísticas e seus pontos de referência aos visitantes. Perdem os próprios visitantes, pois estes não se interessam em contemplar a matéria inerte dos restos de seus entes. Esse tipo de ócio é inaceitável. Retilíneos, esses (não)lugares tendem ao uso de lápides retas ou à construção em forma de armários com andares de gavetas. Nos dias atuais, os empreendimentos vêm justificando tais práticas com referências à sustentabilidade. Afinal, não é ecologicamente conveniente ocupar grandes áreas que devem ser preservadas para o equilíbrio do meio ambiente.

A distribuição dos cadáveres segue o mesmo padrão da produção em massa. Todos são colocados, lado a lado ou uns sobre os outros nas tumbas, acompanhados de

propagandas em panfletagem, toldos temáticos ou anúncios comerciais nos uniformes dos coveiros. Mesmo com todos os apontamentos sobre a mercantilização da morte, ainda assim releva-se uma faceta que faz todo sentido a respeito dela: há muito medo por trás de suas paisagens homogêneas.

O medo da decomposição é tão perturbador que vem acompanhado pelo fenômeno recente do aumento do número de funerais crematórios. Estes acontecem sob a mesma lógica da economia de espaço, como se fosse sua culminação, visto que os túmulos são dispensados. As cinzas pulverizam toda a lembrança física, não sendo mais necessário olhar para as necrópoles e se deparar com o futuro da inexistência. A finalidade da fantasia da mercadoria é esta: a distração para que não haja profundo confronto com a condição assustadoramente humana da consciência da finitude.

Diante da Natureza, tentamos ser infinitos e deter algum controle em forma de transfigurações impossíveis. Criamos ou tentamos recriar nossos lugares fálicos. A tragicomédia da vida contemporânea pode ser o espelho de uma neurose coletiva, marcada pelas fantasias contrastantes da Natureza Mãe ou da Natureza Pai. A primeira, serviria para retomar as rédeas do controle sobre a fêmea, protegendo-a, cuidando de seus fartos seios, procurando conservar para todo sempre o seu leite porque a criança viverá para sempre e estará eternamente faminta. A segunda é *foraclusão*²⁵, é o nome do pai onipotente cuja representação não é integrada no inconsciente, mas ressurge no real como alucinação visível através de comportamentos humanos alienados, negacionistas de si e resistentes ao fato de que é impossível controlar a Natureza.

8. Considerações finais

Este ensaio se configura como uma primeira sessão, ou seja, a primeira hora em que nos encontramos com o(a) analista para apresentar o torvelinho de conflitos que povoam nossa mente. No presente caso, aponte a proposição teórica de que o Ser Humano pode apresentar conteúdos neuróticos em sua psique devido ao seu entendimento sobre a Natureza e os modos como responde a tal entendimento.

A relação Sociedade-Natureza é frequentemente discutida no mundo contemporâneo, notadamente por suscitar preocupações entre a preservação do meio

²⁵ O dicionário de Psicanálise define a *foraclusão* como conceito lacaniano que designa um mecanismo específico da psicose. Há a rejeição de um significante para fora do universo simbólico do sujeito, ele não é integrado no inconsciente, mas, retorna na realidade como alucinação (Roudinesco & Plon, 1994, p. 510).

ambiente e práticas econômicas capazes de adiantar a extinção da humanidade. Mas, considerei a existência de uma trama de representações integradas *no* ou foracluídas *do* inconsciente que elaboram a relação Sociedade-Natureza como uma reelaboração constante do complexo edipiano: relação fusional com a figura materna, desejo de possessão, representação de si como ocupante de um lugar fálico, descoberta do lugar fálico da figura paterna, angústia de castração, neuroses.

Tais neuroses se espelham em comportamentos sociais exemplares de um mundo cujas geografias são delirantes:

1. A contemporaneidade é marcada por discursos contraditórios e neuróticos sobre a Natureza e, principalmente, sobre as ações necessárias à sua conservação;
2. Enquanto se pretende salvaguardar recursos para o futuro, gerações de crianças passam fome nos países periféricos;
3. Enquanto as grandes corporações traçam supostas agendas conservacionistas e agregam valor a seus produtos, os índices de poluição industrial nunca foram tão altos;
4. Enquanto as grandes corporações panfletam discursos de valorização da qualidade de vida para mascarar a exploração dos trabalhadores, conquistam avais para aprofundar a exploração dos recursos naturais;
5. Enquanto a indústria cosmética e os programas de rejuvenescimento nos bombardeiam com demandas de alta performance corpórea, desrespeitamos nossos próprios limites biológicos na vã tentativa de fuga da Morte.

Por outro lado, há aquelas visões oriundas das posturas catastrofistas, que postulam a Natureza como aterradora ou vingativa, uma vez que os Seres Humanos a desrespeitem e, por isso, as consequências seriam desastrosas. Entre os discursos de proteção ou de pavor, cabe realizar pesquisas que versem sobre a internalização da Natureza na psique humana.

A partir de leituras da Psicanálise e do entendimento do conceito de neurose como conflito mental provocado por emoções contraditórias na psique, procurei compreender as motivações do Ser Humano para estabelecer mecanismos de defesa, controle ou indiferença quando se trata de pensar na magnitude da Natureza em contraponto à efemeridade da vida. Humildemente, este ensaio apenas teve a intenção de iniciar o processo analítico sobre estes problemas.

Referências

- Aristóteles. *Física I-II*. Prefácio, tradução, introdução e comentários: Lucas Angioni. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- Debert, G. (1999). Velhice e o curso da vida pós-moderno. *Revista USP*, São Paulo, 42, 70-83, junho/agosto.
- Descartes, R. (1637). *O discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Dias, J. (2019). *Lugar geopsíquico: contribuições da Psicanálise para uma Epistemologia da Geografia*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp.
- Freud, S. (1996). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Haraway, D. (2009). Manifesto Ciborgue. Ciência, Tecnologia e Feminismo-Socialista no final do século XX. In: Tadeu, T. (Org). *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. 2. Ed. (p. 33-118). Belo Horizonte: Autêntica.
- Holbach, B. (2010). *Sistema da natureza: ou das leis do mundo físico e moral*. São Paulo: Martins Fontes.
- Kant, I. (1790). *Crítica da faculdade do juízo*. Trad.: António Marques & Valério Rohden. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2017.
- Kierkegaard, S. (2004). *O desespero humano*. São Paulo: Martin Claret.
- Lachaud, D. (2001). *Ciúmes*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Nasio, J. (2007). *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Platão. (1909). *Timeu-Crítias*. Trad.: Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sade, M. (1999). *A filosofia na alcova, ou, Os preceptores imorais*. São Paulo: Iluminuras.
- Swyngedouw, E. (2009). A cidade como um híbrido: natureza, sociedade e urbanização-ciborgue. In: Acselrad, H. *A Duração das Cidades: Sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Tuan, Y. (2005). *Paisagens do medo*. São Paulo: Editora Unesp.